

## **SOBRE DISCURSOS E RELAÇÕES DE PODER: ARTICULAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES DE BAKHTIN E FOUCAULT**

### **DISCOURSES AND POWER RELATIONS: ARTICULATING THE PROPOSITIONS OF BAKHTIN AND FOUCAULT**

Fabiane Ferreira da Silva Moraes

Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás

Professora de Libras e Linguística na Universidade Federal de Goiás

[fabianemoraes@ufg.br](mailto:fabianemoraes@ufg.br)

90

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva descrever os conceitos de enunciado concreto, dialogismo e sujeito dialógico para Bakhtin, além de propor um diálogo entre tais construtos e a noção de relações de poder segundo Foucault. Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica que teve como fonte alguns dos livros dos dois autores (BAKHTIN, 1997, 2002, 2006; FOUCAULT, 1998), bem como outras publicações que discorrem sobre os conceitos analisados. Os resultados apontaram as seguintes contribuições da aproximação entre os textos de Bakhtin e Foucault: a) a compreensão de que a microfísica do poder pode corroborar para a análise dos conceitos de forças centripetas e centrífugas; b) o entendimento do enunciado como um dos espaços em que ocorrem as relações de poder; c) a percepção do signo ideológico como instrumento para o exercício do poder e como indicador das possibilidades de resistência e dominação; d) a observação da relação entre a microfísica do poder e a ideologia oficial e do cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bakhtin. Foucault. Ideologia. Relações de poder.

**ABSTRACT:** This paper aims to describe the concepts of concrete enunciation, dialogism and dialogical subject for Bakhtin, and to propose a dialogue between such constructs and the notion of power relations according to Foucault. For the development of this work, a bibliographic research was carried out, using as a source some books by both authors (BAKHTIN, 1997, 2002, 2006; FOUCAULT, 1998), and other publications that discuss the analyzed concepts. The results pointed out the following contributions of the approximation between Bakhtin and Foucault: a) the understanding that the microphysics of power can collaborate for the analysis of the concepts of centripetal and centrifugal forces; b) the understanding of the utterance as one of the spaces in which power relations occur; c) the perception of the ideological sign as an instrument for the exercise of power and as an indicator of the possibilities of resistance and domination; d) the observation of the relationship between the microphysics of power and the official and everyday ideology.

**Keywords:** Bakhtin. Foucault. Ideology. Power relations.

**Considerações iniciais**

Deleuze, em conversa com Foucault (1998, p. 71), afirma que “uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione.” Por vezes, a complexidade dos contextos a serem estudados demandam a utilização de ferramentas provenientes de origens diferentes. Dessa maneira, o presente trabalho objetiva descrever os conceitos de enunciado concreto, dialogismo e sujeito dialógico para Bakhtin, além de propor um diálogo entre tais construtos e a noção de relações de poder segundo Foucault.

O professor e filósofo russo Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975) é considerado um dos mais importantes filósofos do século XX, e sua obra pode ser definida como “fascinante, inovadora, rica, mas, ao mesmo tempo, complexa e difícil” (FIORIN, 2011, p. 12). Os trabalhos do filósofo russo apresentaram uma crítica ao teoreticismo, ao estruturalismo e ao racionalismo e deram um lugar de destaque para a linguagem (FARACO, 2003; FIORIN, 2011). Uma das características dos escritos de Bakhtin é que as noções são elaboradas “ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções também paulatinamente construídas” (BRAIT e MELO, 2005, p. 65), fato que torna desafiadora a tentativa de delimitação dos conceitos, como os expostos a seguir.

Nascido na França em 1926, Paul-Michel Foucault foi um filósofo, professor universitário e escritor. Sua filosofia centrou-se na relação entre saber e poder, sendo que o estudo desse tema envolveu assuntos como “loucura, sexualidade, disciplina e punição — a história dessas categorias foi considerada essencial para sua argumentação” (STRATHERN, 2003, p. 6). Ainda que na obra de Foucault se encontrem conceitos de extrema relevância, as pontuações apresentadas por hora se limitarão às relações de poder e a conexão entre poder e saber.

Na primeira parte do trabalho apresentarei a metodologia de pesquisa. A seguir, discorrerei sobre as noções de enunciado concreto, dialogismo e sujeito dialógico. A terceira seção é dedicada para a fundamentação teórica. Em seguida, descreverei de forma sucinta o conceito de poder para Foucault, especificamente no

### **Building the way**

que se refere às relações de poder e o imbricamento de poder e saber. Por fim, proporei uma relação entre os conceitos dos dois autores.

### **Metodologia**

Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir de uma abordagem qualitativa. Gil (2002, p. 44) define a pesquisa bibliográfica como aquela “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Como fontes bibliográficas foram utilizados alguns dos livros de Bakhtin (1997, 2002, 2006) e Foucault (1998), além de publicações que discorrem sobre eles.

A elaboração da pesquisa seguiu as etapas sugeridas por Gil (2002). A primeira etapa refere-se à escolha do tema, que foi motivada pela pesquisa de doutorado<sup>1</sup> que desenvolvo e pela necessidade de uma melhor compreensão dos construtos que fundamentarão a análise dos dados coletados. Em seguida, realizou-se o levantamento do material bibliográfico preliminar. Além de materiais impressos, foram utilizados diversos artigos de periódicos disponíveis no formato on-line. A terceira etapa diz respeito à pergunta de pesquisa, no caso do estudo em tela procurou-se responder ao questionamento sobre como a noção de relações de poder poderia contribuir para o estudo da pesquisa mencionada anteriormente. A próxima fase da pesquisa, a saber, o plano provisório do assunto, envolveu a delimitação das noções a serem tratadas. A seguir foi realizada a leitura do material e, por fim, a redação do texto.

### **Discussão teórica**

#### **Enunciado concreto, ideologia e sujeito para Bakhtin**

Inicialmente, é preciso pontuar que a língua(gem)<sup>2</sup> é definida por

<sup>1</sup> Pesquisa de doutorado da autora, sob orientação da professora Carla Janaína Figueredo. A pesquisa pretende investigar um contexto de sala de aula com alunos surdos e ouvintes.

<sup>2</sup> Optei pela grafia língua(gem) para abarcar tanto a noção de linguagem como a de língua. Em linhas gerais, a linguagem é entendida como a capacidade exclusivamente humana para a comunicação, capacidade essa que na visão bakhtiniana não se limita ao verbal, antes, estende-se a “todas as manifestações que tenham a interferência do homem” (DI FANTI, 2003, p. 100). A língua pode ser definida “como um sistema de signos vocais utilizado  
*v. 11, n. 2 (2021)* *ISSN 2237-2075*

### **Building the way**

estudiosos das teorias do Círculo de Bakhtin como interação, atividade, caráter dinâmico, movimento e elasticidade (FARACO, 2003; DI FANTI, 2003; BRAIT, MELO, 2005, entre outros). Tais termos fazem contraposição ao que a linguagem não é – uma estrutura estanque e imóvel, um sistema fechado de regras gramaticais. A língua(gem), na concepção bakhtiniana, é caracterizada como essencialmente social, de modo que

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006, p. 125).

Assim como expresso na citação anterior, a interação social ocorre por meio da enunciação. Segundo Bakhtin (1997, p. 293), o enunciado é “a unidade real da comunicação verbal”, ou seja, é concreto, não devendo ser confundido com uma oração ou com a organização sintática das palavras, de modo que a fala se concretiza por meio dos enunciados, que pertencem a um sujeito. Vale destacar que o fato de o enunciado proceder de um sujeito falante não se desdobra na compreensão de que o enunciado é individual, até porque, para o autor, a própria noção de sujeito é construída com base nessa natureza social. De acordo com o filósofo russo (2006, p. 124), a “a elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social”.

Para o referido autor, a enunciação humana será sempre relacionada com o contexto social, cultural, histórico e com as condições de vida da comunidade linguística em que o sujeito se encontra (BAKHTIN, 2006; FARACO, 2003; DI FANTI, 2003; BRAIT e MELO, 2005; PEREIRA E RODRIGUES, 2014). Por meio da enunciação os sujeitos expressam suas concepções (definições) do mundo. Nessa perspectiva, Bakhtin (2006) afirma que nossas enunciações são sempre dirigidas para o outro e que até mesmo o choro de um bebê é direcionado para a sua mãe. Cabe ressaltar que o outro não deve ser entendido apenas como um receptor, e, sim, como

como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística” (CUNHA, COSTA e MARTELOTTA, 2011, p. 16).

### **Building the way**

um parceiro no processo de comunicação, como o “outro locutor”. Bakhtin (1997) rompe com a concepção clássica de um locutor ativo, aquele que produz os enunciados, e um receptor passivo, aquele que apenas escuta. Ele ressalta que na comunicação verbal ocorre uma “compreensão responsiva ativa” já que o ouvinte adota uma atitude mediante os enunciados que são proferidos.

Essa compreensão responsiva ativa torna cada enunciado um elo na cadeia de comunicação, isto porque ele terá relação com os enunciados que o precederam e também com os que o sucederão; essa dinâmica entre os enunciados provoca “reações-respostas imediatas e uma ressonância dialógica” (BAKHTIN, 1997, p. 320). O caráter dialógico da linguagem ocupa um lugar importante nos estudos bakhtinianos, sendo destacado por pesquisadores como Brait (1994), Faraco (2003), Fiorin (2011), Di Fanti (2003), entre outros. De acordo com Bakhtin (2006, p. 125), “pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”. As relações dialógicas são aquelas que acontecem na interação social, marcadas sempre por posições avaliativas, ou melhor, pelo posicionamento crítico do sujeito.

O atravessamento de diferentes vozes sociais produz uma tensão nas relações dialógicas. Isso ocorre pois “os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN, 2006, p. 109), mesmo nos enunciados em que há um consenso permanece a tensão com as vozes que foram recusadas. Diante dessa realidade, Faraco (2003) compara o conceito bakhtiniano de diálogo a um espaço de luta entre vozes sociais, no qual atuam as forças centrípetas e centrífugas.

De forma sintética, as forças centrípetas podem ser descritas como aquelas que atuam como centralizadoras, visando uma unicidade. Já as forças centrífugas visam a dispersão, a pluralidade. Bakhtin (2002, p. 82) adverte que na língua(gem) essas duas forças coexistem, elas se cruzam nos enunciados, “ao lado das forças centrípetas caminha o trabalho contínuo das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verbo-ideológica e da união caminham ininterruptos os processos de descentralização e desunificação”. Fiorin (2011) sublinha que as forças centrípetas

### **Building the way**

são assimiladas de forma incondicional, como um bloco compacto que é impermeável a outras vozes, por outro lado, as forças centrífugas são assimiladas como um sentido persuasivo, como uma voz entre outras, permitindo a hibridização.

Outro construto importante para a compreensão do enunciado é a palavra. Sendo formada por inúmeros fios ideológicos, ela pode ser descrita como o domínio no qual as interações sociais acontecem. A palavra expressa as entoações do falante, os juízos de valor, ou seja, é formada pelos valores atribuídos pelos sujeitos e funciona como um elo entre o eu e o outro (BAKHTIN, 2006; STELLA, 2005; BRAIT, NUNES, 2018). Considerando que toda a palavra<sup>3</sup> orienta-se para um interlocutor, Bakhtin (2006, p. 115) reconhece que “toda palavra comporta duas faces”, a do enunciador e a do interlocutor. Ela possui a capacidade de registrar as etapas das mudanças sociais, sendo “o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica” (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Acrescente-se à palavra a noção de ideologia, que está diretamente relacionada com o signo, assim “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2006, p. 29). O referido autor explica que a compreensão de um signo se dá na relação com outros signos, em uma cadeia ideológica. Assim, a aproximação com outros signos já conhecidos permite a compreensão de um novo signo, em um movimento contínuo de relação entre eles.

Bakhtin (2006) assevera que, além de possuir um significado, o signo tanto reflete como refrata a realidade. De acordo com Faraco (2003, p. 50), refratar significa que “não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos”. Essas interpretações distintas ocorrem, pois os campos de criação ideológica orientam e refratam a realidade de modo distinto como, por exemplo, no campo religioso, científico e jurídico.

Outra característica do signo ideológico é que ele só existe entre indivíduos socialmente organizados. Para Bakhtin, um objeto só gera um signo ideológico

<sup>3</sup> O pensador russo (2006, p. 35-36) apresenta quatro propriedades da palavra: pureza semiótica, neutralidade ideológica, capacidade de interiorização e a presença obrigatória da palavra em todos os atos ideológicos.

### **Building the way**

quando assume um valor para um grupo social. Desse modo, o autor fala em signos sociais de valor e explica que esses índices são de natureza interindividual, isso porque um objeto “não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social” (2006, p. 44). Logo, é no interior dos grupos socialmente organizados que ocorre a formação e a materialização dos lugares valorativos (MIOTELLO, 2005). É preciso lembrar que, ao apontar o caráter social dos índices valorativos, o autor não quer dizer que neles existe concordância e harmonia, pelo contrário, o signo ideológico é visto por Bakhtin (2006) como “arena para confronto” de índices de valor contraditórios. É justamente essa disputa entre índices diferentes que tornam o signo vivo e móvel (FARACO, 2003).

Ainda que o índice valorativo seja fundamentalmente social, a partir do contato com o universo de signos, em contextos repletos de valores, cada indivíduo assume e expressa uma determinada posição. Evidentemente, em um mesmo grupo organizado, como em uma classe de um curso de graduação, existem diferentes contextos sociais e históricos que perpassam os modos como cada indivíduo constrói os valores sobre um objeto de análise, dado que “o eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos” (FARACO, 2003, p. 22).

Ademais, o conceito de ideologia não deve ser entendido como algo pronto, do qual o indivíduo é apenas um refém. De acordo com Miotello (2005, p. 168), na concepção bakhtiniana a ideologia se constitui “no movimento, sempre se dando entre a instabilidade e estabilidade, e não na estabilização que vem pela aceitação da primazia do sistema e da estrutura”. Esse movimento acontece por meio das interações cotidianas, a conversa com amigos, a leitura, a visualização de vídeos em Libras, entre outros, são movimentos que “vão povoando o universo de signos, e cada signo vai se tornando parte da unidade da consciência verbalmente constituída” (MIOTELLO, 2005, p. 171).

Destaque-se que Bakhtin distingue dois tipos de ideologia: a do cotidiano e a oficial. A primeira “constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência” (2006, p. 121). Na ideologia oficial estão

### **Building the way**

presentes os conteúdos que foram aceitos pelo grupo social e que agora são firmados pelos jogos de poder. A relação entre ideologia oficial e do cotidiano produz o que o autor chama de conjunto ideológico de uma sociedade, conjunto esse que está sempre em um movimento recíproco que “faz com que a ideologia se constitua e se renove no contato ininterrupto que se dá entre indivíduos socialmente organizados” (MIOTELLO, 2005, p. 175).

Assim como acontece com os conceitos de ideologia e língua(gem), para Bakhtin, a caracterização de sujeito também é essencialmente dialógica, sendo que a tentativa de conhecer o sujeito pressupõe conhecer seu discurso e os enunciados por ele produzidos (DAHLET, 2005). As inúmeras vozes sociais e as relações dialógicas entre os indivíduos atuam na constituição do sujeito de modo que “ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques” (FARACO, 2003, p. 81). Tais apontamentos significam que a sociedade tanto modifica o sujeito como é modificada por ele, através de um movimento dialógico que estabelece a identidade na relação entre o que o sujeito é para si e o que é para o outro, ou seja, pela interação.

Nesse enfoque, Pires e Sobral (2013, p. 215) sublinham que considerando que essas interações ocorrem ao longo da existência e que cada encontro representa uma possibilidade de mudança (tanto para o outro quanto para nós mesmos), o sujeito não deve ser compreendido como um ser fixo e acabado, posto que, através das relações dialógicas, ele está em constante mudança, pois é “um ser social, histórico e ideológico”. Sob à luz da compreensão bakhtiniana, Dahlet (2005, p. 63) defende “uma concepção dinâmica” para descrever os deslocamentos, orientações e reorientações do sujeito e afirma que o processo de identificar-se é marcado por conflitos e tensões. Na seção seguinte, abordo a concepção foucaultiana de relações de poder.

### **Relações de poder para Foucault**

Foucault se distancia da noção de poder como algo centralizado, localizado apenas no Estado ou em algumas instituições, para ele, o poder não é uma posse e, sim, uma ação, de modo que “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação” (FOUCAULT, 1998, p. 175). Dessa maneira, para o

### **Building the way**

referido autor, o que existe são “unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 1998, p. 10).

Tendo em vista o poder como prática social, Foucault (1998, p. 179) desenvolve a ideia de relações de poder, relações essas que existem em todas as sociedades e “atravessam, caracterizam e constituem o corpo social”. Isso significa que todos os sujeitos exercem o poder e que cada relação social implica sempre em relações de poder, seja no âmbito familiar, de trabalho, de estudo, entre outros (FOUCAULT, 1998; MACHADO, 1998; STRATHERN, 2003; SANTOS, 2016; BRÍGIDO, 2013). Essas relações de poder são sustentadas por uma dinâmica microfísica, isto é, pelos micropoderes ou micromaneiras de reprodução do poder que ocorrem nas vivências diárias, nas estratégias e nas técnicas empregadas pelos sujeitos (FOUCAULT, 1998; MACHADO, 2006; BRÍGIDO, 2013, p. 68). Por isso, a mecânica do poder deve ser pensada na sua “forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana” (FOUCAULT, 1998, p. 131).

Nessa perspectiva, Machado (1998) afirma que os poderes exercidos no nível micro e as mudanças por eles provocadas podem ou não estar relacionados com o Estado, sendo que não se pode definir de antemão se cada contexto apresenta ou não uma independência e autonomia em relação às macroestruturas. Outro aspecto importante observado pelo autor é o de que, em vez de propor uma análise que entendia o Estado como a fonte de um poder que se ramificava nas relações de nível micro, como se essas últimas fossem apenas um prolongamento do Estado, Foucault procura analisar como os micropoderes se relacionam com o aparelho de Estado.

O fato do poder ser exercido em todos os níveis não significa que não exista dominação. Conforme Dreyfus e Rabinow (1995, p. 203), Foucault reconhece que as relações de poder são “desiguais e móveis” e que o entendimento dessa característica é importante, pois se essas relações não forem identificadas segundo o “seu real funcionamento material, elas escapam à nossa análise e continuam a funcionar com uma autonomia não questionada, mantendo a ilusão de que o poder é apenas aplicado de cima para baixo”. Convém assinalar que a dominação não se restringe à ação

### **Building the way**

governamental ou à ação dos empregadores sobre os empregados, pois, em Foucault (1998), há o reconhecimento de diferentes formas de dominação existentes na sociedade.

Da mesma forma como o exercício do poder pode gerar dominação, ele também apresenta para os sujeitos uma oportunidade de resistência. Para o filósofo francês (1998, p. 241), “jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”. Acerca das condições de resistência, é interessante a observação de Machado (1998), de que os pontos de resistência se encontram em todo o corpo social, ou seja, eles não são centralizados.

Machado (1998, p. 13) nota um desdobramento político nas reflexões de Foucault já que elas não visam apenas descrever as relações de poder, mas, também, ser um “instrumento de luta” contra tais relações. Sobre esse ponto, Foucault (1998, p. 77) assevera que “todos aqueles sobre quem o poder se exerce como abuso (...) podem começar a luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria”. Ademais, Foucault (1998, p. 8) destaca que o poder não é uma força negativa, pelo contrário, ele é produtivo, já que

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Por fim, vale sublinhar que, para Foucault (1998, p. 142), o poder está diretamente relacionado com o saber e que “não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”. Se por um lado o saber forma novas relações de poder, por outro, o poder produz novos saberes, assim, uma relação de poder é também espaço em que se estabelece um campo de saber (FOUCAULT, 1998; MACHADO, 2006; BRÍGIDO, 2013), de modo que existe

uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder. Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de

### **Building the way**

saber, mas que exerce o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza [...] O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder (FOUCAULT, 1998, p. 141).

Outrossim, o estudo do saber não deve ser voltado para o sujeito que o produz, mas, sim, para as relações de poder que permitem que essa produção ocorra, pois “não há saber neutro. Todo saber é político” (MACHADO, 2006, p. 127). Dito de outro modo, a produção de saberes está vinculada com as condições políticas em que elas ocorrem, de modo que “antes de olharmos para os saberes existentes, é preciso olhar e descobrir que eles têm uma raiz, uma origem, uma criação” (BRÍGIDO, 2013, p. 72). Na próxima seção, dentro do escopo deste artigo, discuto os pontos em que Bakhtin e Foucault dialogam.

### **Pontos de encontro entre Bakhtin e Foucault**

Assim como expressei anteriormente, procurei perceber como a ideia de relações de poder poderia fornecer subsídios para a análise dos dados a serem coletados na pesquisa que desenvolvo, pesquisa essa fundamentada nos estudos de Bakhtin. Possivelmente, a principal contribuição de Foucault tenha sido a de evidenciar o fato de que as concepções, valorações e avaliações são permeadas pelo poder. Essa percepção foi importante visto que “enquanto Foucault parece explicitar e radicalizar a relação intrínseca entre discursos, história e poder, essa relação, embora atravesse os trabalhos de Bakhtin, nem sempre é clara e diretamente tematizada” (SEVERO, 2013, p. 146). Dessa compreensão, desdobraram-se alguns pontos de diálogo que serão apresentados a seguir.

Primeiramente, partindo da perspectiva de que o enunciado é eminentemente social, direcionado para o outro e um elo na cadeia comunicacional (BAKHTIN, 2006), e considerando que toda relação social é espaço para relações de poder (FOUCAULT, 1998), depreende-se que os enunciados, enquanto prática social, também são um dos espaços nos quais os micropoderes se inserem e atuam, ou seja, os enunciados também se configuram como local em que ocorrem relações de poder.

Em segundo lugar, tendo em vista a natureza social do signo ideológico,

### **Building the way**

podemos considerar que ele não é imune à dialética ‘saber e poder’. Se, por um lado, os saberes produzidos nessa “arena de confronto” geram efeitos de poder, por outro lado, os poderes exercidos nos campos do conhecimento, como o médico ou religioso, produzem saberes. Ainda nesse sentido, a possibilidade de cada sujeito construir índices valorativos diferentes nos remete à afirmação de Foucault de que o poder traz consigo a possibilidade de resistência. Por conseguinte, podemos problematizar se os enunciados, bem como o refletir e o refratar do signo ideológico, apontam para uma resistência às relações de poder ou para a perpetuação de relações desiguais.

Ademais, a leitura dos dois autores sublinhou o entendimento de que a noção de força centrípeta apresentada por Bakhtin (2002), força que visa uma centralização e unificação (fato que poderia ser entendido como dominação), não é exercida exclusivamente pelo Estado ou somente aplicada por uma superestrutura, ela pode se fazer presente também nos enunciados advindos de qualquer relação social. Isso porque, assim como sublinhado por Foucault (1998), a tentativa de dominação não é uma exclusividade governamental ou de um determinado grupo, uma vez que todo o corpo social exerce o poder. Já a força centrífuga (que visa a desunificação) pode ser vista, nos termos utilizados por Machado (1998) como um instrumento de luta, como um ponto de resistência. Além disso, assim como ocorre com o poder sob o ponto de vista foucaultiano, as forças centrípetas e centrífugas não são negativas, pelo contrário, elas são produtivas e coexistem nos enunciados.

Acrescente-se ainda que a cristalização e regulamentação dos conteúdos da ideologia do cotidiano acabam por constituir a ideologia oficial, de modo que os “sistemas ideológicos constituídos da moral social, da ciência, da arte e da religião cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência” (BAKHTIN, 2006, p. 121). Essa correlação entre a ideologia oficial e ideologia do cotidiano lembra, assim como proposto por Foucault, que o poder se exerce tanto em um nível macro como em um nível micro e que há uma influência e sustentação mútua entre ambos. Severo (2013, p. 155) coteja as noções dos dois teóricos e afirma que

Se para Foucault, o poder não opera ‘de cima para baixo’, não se impõe do Estado sobre os sujeitos, mas opera de tal forma que o micro e macro se sustentam, se influenciam e servem de suporte um ao

### **Building the way**

outro, de forma semelhante, para Bakhtin/Voloshinov (1929[1988]), as esferas/ideologias do cotidiano não são definidas pelas esferas ideológicas mais elaboradas, mas há uma relação recíproca entre ambas, em que uma define e sustenta a outra.

Além disso, os dois autores evidenciam a importância da história em suas análises. Severo (2013, p. 146) afirma que os dois autores “defendem que o estudo da língua deve se centrar no aspecto discursivo, visto que esse está vinculado à dinâmica sócio-histórica-política”. Dessa maneira, acentua-se a importância da observação das condições políticas que permitem a produção de saberes que perpassam o sujeito dialógico e seus enunciados.

### **Considerações finais**

As obras de Bakhtin e de Foucault apresentam uma inestimável contribuição para os estudos da linguagem e pesquisas que envolvam contextos de ensino de línguas. A aproximação dos percursos reflexivos dos dois autores permite a ampliação e aprofundamento dos pontos de análise, uma vez que viabilizam o entendimento da língua(gem) como social, marcada pelo contexto histórico e por relações de poder, não sendo apenas uma estrutura gramaticalmente organizada. Evidentemente, existem inúmeros tópicos de divergência entre o pensamento de Bakhtin e de Foucault, porém, esses pontos não foram listados tendo em vista que não se alinhavam com o objetivo da pesquisa atual.

Acerca do objetivo do trabalho, o estudo em tela notou as seguintes contribuições: a) a compreensão de que a microfísica do poder pode contribuir para a análise dos conceitos de forças centrípetas e centrífugas; b) o entendimento do enunciado como um dos espaços em que ocorrem as relações de poder e as relações entre saber e poder; c) a percepção do signo ideológico como instrumento para o exercício do poder e como indicador das possibilidades de resistência e dominação; d) a observação da relação entre a microfísica do poder e as ideologias do oficial e do cotidiano. Certamente existem inúmeros outros pontos de relação entre os dois autores que não foram apreendidos e descritos no presente texto. Contudo, acredito que os aspectos apresentados podem ser proveitosos para outros estudos que

### Building the way

busquem uma aproximação entre o pensamento de Bakhtin e Foucault.

### REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994.

\_\_\_\_\_; MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_; NUNES, J. A. Documentos oficiais em diálogo. *Eutomia*, Recife, vol. 1, n. 21, p. 144-168, jul. 2018. Disponível em: [https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article\\_view/237464](https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article_view/237464). Acesso em: 05 maio 2020.

BRÍGIDO, E. I. Michel Foucault: uma análise do poder. *Revista Direito Econômico e Socioambiental*, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/direitoeconomico/article/view/6098/6014>. Acesso em: 28 jul. 2020.

CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E (Org.). *Manual de Linguística*: São Paulo, Contexto, 2011.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

DELEUZE, G.; FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

DI FANTI, M. G. C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 95-111, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (Org.). *Michael Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

**Building the way**

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA, R. A. C.; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v14n1/11.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PIRES, V. L.; SOBRAL, A. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/13785/11709>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SANTOS, P. R. A concepção de poder em Michel Foucault. *Especiaria* – Cadernos de Ciências Humanas, Ilheus, Bahia, v. 16, n. 28, p. 261-280, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1504>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SEVERO, C. G. Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo. In: PAULA, L. de.; STAFUZZA, G. (Org.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2013.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

STATHERN, P. *Foucault em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.